

Reflexões Fenomenológicas na Relação Avós-Netos: Uma Leitura Compreensiva a Partir da Experiência dos Avós¹

Phenomenological Reflections on Grandparent-Grandchild Relations: A Comprehensive Reading from Grandparent Experience

DOI:10.34117/bjdv7n4-671

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 29/04/2021

Alana Alexandra Almeida da Silva

Graduanda em Psicologia

Universidade Federal da Paraíba

Rua Prof^a Cristina Di Lorenzo Marsicano, Planalto Boa Esperança, João Pessoa/PB

E-mail: alanaalexandraa@gmail.com

Sandra Souza

Prof^a Doutora em Psicologia

Universidade Federal da Paraíba

Rua Juiz Amaro Bezerra, Cabo Branco, João Pessoa/PB

E-mail: sandra.souza_psi@yahoo.com.br

RESUMO

A partir dos anos 1980 as relações entre avós e netos passaram a ser vistas por uma ótica diferente, havendo um aumento na valorização e na importância desses relacionamentos. No início dos anos 2000 passou-se a entender o século XXI como sendo o século dos avós. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o sentido da vida dos avós com a chegada dos netos e trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico que contou com a participação de 8 avós (4 casais) da cidade de João Pessoa/PB. Para se ter acesso à experiência de ser avô/ó, o instrumento metodológico utilizado foi a narrativa em que os participantes deram um depoimento do seu vivido. Encontramos oito núcleos de sentido para a avosidade: o aconchego de ser avô(ó); a experiência de ser avô(ó): auto percepção e auto enfrentamento; o lugar do neto(a) na vivência psicológica dos avós; a relação avô(ó)/neto(a): o despertar de sentidos; o cotidiano de ser avô(ó): vivências práticas e emocionais; papel social da avosidade: limites e realizações no ato de educar; o lugar do neto(a) na vivência familiar: encontros e desencontros; e o confronto de gerações: reflexões e possibilidades. Os resultados mostraram que existe uma gama de sentimentos como felicidade, prazer, satisfação, ao mesmo tempo, medo, receio, raiva e (re)vivem situações nas relações e na vivência psicológica que são capazes de gerar mudanças no modo de ser no mundo. Sugerimos novos estudos sobre a temática ampliando as relações da avosidade com o processo de envelhecimento, os sentidos vivenciados pelos netos a respeito da avosidade em suas vidas, bem como o olhar dos pais sobre a presença dos avós na vida de seus filhos.

Palavras-chave: Avosidade, Netos, Fenomenologia.

¹ Este artigo deriva do projeto de pesquisa: "Reflexões Fenomenológicas na Relação Avós-Netos: Uma Leitura Compreensiva a Partir da Experiência dos Avós", do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pelo CNPq e orientado pela segunda autora no período de 2018-2019.

ABSTRACT

From the 1980s, the relationship between grandparents and grandchildren began to be seen from a different point of view with an increase in the value and importance of these relationships. In the early 2000s, the 21st century became the grandparents' century. This research aims to understand the meaning of life of grandparents with the arrival of grandchildren and it is a qualitative research of a phenomenological nature that had the participation of eight grandparents (four couples) from the city of João Pessoa/PB. In order to gain access to the experience of being grandfather/grandmother, the methodological instrument used was the narrative in which the participants gave a testimony of their experience from a triggering question: "Can you tell me how has been your experience of being grandfather/grandmother?". We found eight nuclei of meaning for grandparenting: The coziness of being a grandparent; The experience of being a grandparent: self-perception and self-confrontation; The grandchild's place in the psychological experience of the grandparents; The relationship between grandparent/grandchild: the awakening of meanings; The daily routine of being a grandparent: practical and emotional experiences; The social role of grandparenting: limits and achievements in the act of educating; The grandchild's place in the family life: agreements and disagreements; and The confront of generations: reflections and possibilities. The results showed that there is a range of feelings such as happiness, pleasure, satisfaction, at the same time, fear, doubt, anger and (re)living situations in relationships and psychological experience that are capable of generating changes in the way of being in the world. We suggest new studies on the subject by expanding the relations of grandparenting with the aging process, the meanings experienced by the grandchildren regarding the grandparents in their lives, as well as the parents' gaze on the presence of grandparents in the lives of their children.

Keywords: Grandparenting, Grandchildren, Phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira e mundial apresenta um crescente número de pessoas idosas (SILVA; MEDINA, 2018), e conseqüentemente um aumento de avós e avôs, trazendo modificações no estilo de vida dessas pessoas. Backman (2018) realça a importância da família enquanto um espaço privilegiado de vínculos, afetos e responsabilidade entre os membros. Desse modo, parece necessária a compreensão do sentido de ser avós, o que poderá contribuir para a melhor qualidade na relação intergeracional.

O presente artigo busca compreender como o nascimento de um(a) neto(a) pode influenciar no sentido da vida do adulto que adquire esse papel de avô/avó no ciclo de vida familiar, por meio da percepção dos avós sobre essa experiência, com as seguintes questões norteadoras: 1) Qual o sentido de vida para os avós com a chegada de um(a) neto(a)? 2) Como é vivenciada a relação entre avós e filhos com a chegada de netos na família? Como é percebido o papel social dos avós na contemporaneidade? São questões

como essas que passam a orientar os objetivos dessa pesquisa na medida em que traz à baila um papel social tão importante no âmbito intergeracional, especialmente no século XXI (SAMPAIO; PEREIRA; OSÓRIO; SILVA NETO, 2021).

Quando se pensa no âmbito social, cada vez mais tem se configurado a tendência para que os avós tenham melhores condições de vida por adquirirem mais formação acadêmica e melhores rendimentos, permitindo com que não se mantenha, no decorrer do tempo, atividades de subsistência, dispondo dessa forma de mais tempo livre que poderão ser vividos com os netos. Essa convivência maior entre avós e neto(a)s tem levado ao surgimento de experiências que acarretam mudanças no modo de entender a relação entre esses papéis (CAMARANO et al., 2004).

Diante do exposto, tem-se como objetivo geral compreender as modificações no sentido da vida dos avós com a chegada dos netos. Especificamente, busca-se verificar as emoções vivenciadas pelos avós na relação com os netos; conhecer os sentidos de uma convivência com crianças na família; identificar quais as modificações que os netos exercem na vida dos avós a partir do ponto de vista destes, e compreender a vivência dos avós com os netos em contraposição à relação pais-filhos vivenciada antes dos netos chegarem.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico. A pesquisa qualitativa tem como foco ter acesso à subjetividade apresentada nos depoimentos dos participantes, para que possa identificar os sentidos presentes, a partir do que se observa nas descrições da experiência do sujeito participantes (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

A pesquisa contou com a participação de 8 avós (4 casais) da cidade de João Pessoa/PB. A amostra foi por conveniência de acordo com pessoas conhecidas que indicaram os avós (SCHIFFMAN; KANUK, 2000). Foram critérios de inclusão: casal de avós casados e ter no mínimo um neto na primeira ou na segunda infância. Como critérios de exclusão: morar com os netos; recusa a participar do estudo ou desistência de continuar a participação.

Para ter acesso à experiência, o instrumento utilizado foi a narrativa em que os participantes deram um depoimento do seu vivido a partir de uma pergunta disparadora: *Você pode me falar como tem sido sua experiência de ser avô/avó?* Também foi elaborado um roteiro de questões, o qual foi utilizado, quando necessário, ao longo do depoimento relacionado a emoções vividas na relação com os netos; frequência de contato

com os netos; quais as atividades realizadas em comum com os netos; quais as responsabilidades com os netos; modificações na rotina de vida após chegada dos netos; diferenças da relação com os netos para a relação com os filhos.

O pesquisador, ao escutar a narrativa de fatos e acontecimentos, passa a ser sujeito também dessa experiência, sendo possível se aproximar da vivência do narrador (DUTRA, 2002). Os depoimentos gravados foram transcritos e literalizados. A primeira versão da narrativa é exatamente a fala gravada do participante. O segundo passo se refere à literalização, que consiste em retirar os vícios de linguagem, na tentativa de tornar o texto mais literário, retirando inclusive a fala da entrevistadora, quando feita alguma pergunta. Em seguida, essa narrativa literalizada foi encaminhada para os participantes para garantir a fidelidade ao que foi dito (MAUX; DUTRA, 2017).

Na análise das narrativas, buscaram-se os sentidos nas falas; em seguida, foram extraídos os núcleos de sentido que consiste no agrupamento dos sentidos que se articulavam entre si.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética para pesquisa com seres humanos, em consonância com as condições da resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde com CAAE: 90694218.8.0000.5188. Embora tenha participado da pesquisa o casal de avós, a entrevista foi individual, pois se compreende que os sentidos da experiência são diferentes para cada pessoa. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo sido assegurado o anonimato, bem como a confidencialidade das informações. Todos os nomes utilizados são pseudônimos para resguardar o sigilo e anonimato dos participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contamos com a participação de quatro casais, ou seja, oito participantes; todos com idade acima de 49 anos, sendo quatro idosos com mais de 60 anos; cinco são protestantes, dois católicos e um sem religião. Quatro possuem ensino médio completo, dois com ensino superior incompleto e dois com ensino superior completo; a renda familiar variou de dois salários-mínimos a mais de seis salários-mínimos. Foram encontrados oito núcleos de sentido.

Núcleo 1 - O aconchego de ser avô(ó)

Foi possível observar a vivência da felicidade pela existência do neto(a) e, conseqüentemente, por esse lugar de avô(ó).

É só felicidade ter uma criança na família, só coisa boa, é maravilhoso porque eu estou vivendo com ela o que eu não pude viver com os meus filhos, é ser mãe duas vezes, mãe dobrado, é muito bom, é felicidade, alegria dentro da casa, quando ela chega é só alegria (CÁSSIA, 2019).

Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010) verificaram a existência de grande satisfação das avós na relação com os netos, uma vez que experienciavam forte vínculo. Observamos a presença de uma vivência afetiva que é compartilhada entre avós e netos na realização de atividades em comum.

Passar o dia com ele é a melhor coisa, às vezes eu assisto televisão com ele, só o contato mesmo, de estar presente com ele, é a melhor coisa. É muito amor que tem para dar e receber também (RICARDO, 2019).

Eu gosto de fazer todas as atividades em comum com eles (risos), jogar bola, eles subirem em cima de mim, eu danço balé com eles, assisto filme, conversa histórias, boto em cima de uma pia pra enxugar os pratos, de tudo eles fazem e de tudo eu gosto de fazer com eles, é recíproco, de um para o outro a mesma coisa (ANA, 2019).

Essas falas corroboram com o que Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010) e Villas-Boas (2013) falam sobre a perspectiva bidirecional da relação avós-netos, pois existe uma troca de sentidos e significações das experiências. Os netos participam da rotina diária de afazeres dos avós e, ao mesmo tempo, compartilham com eles suas brincadeiras.

A minha neta tem muito a ver comigo, eu sou meio grosseiro com relação à comida, gosto de feijão com farinha, de pão sem manteiga, pão puro, churrasco, esses negócios pesados, grosseiro mesmo e ela se assemelha muito, geralmente na quarta-feira à noite, às vezes na sexta à noite eu faço um churrasco, de uma maneira bem rústica mesmo, aí a gente se identifica muito com isso aí, tudo que é grosseiro desse jeito ela gosta, a gente tem essas afinidades (JOSUÉ, 2019).

Tornar-se avô(ó), parece carregar consigo o desenvolvimento de um processo de renovação pessoal frente às mudanças que ocorrem na vida:

Me renovo até na saúde, tudo de bom que aconteceu na minha vida foram os meus netos. A experiência é maravilhosa, eu digo sempre a todo mundo, se renova mesmo, a gente cresce com eles, junto deles, sua personalidade fica melhor, no comportamento você fica mais calma (ANA, 2019).

Eu voltei a viver, eu amo mais ainda, mudou muita coisa em mim, mudou tudo mesmo, muita coisa boa (CÁSSIA, 2019).

Na mesma direção, a sensação de rejuvenescimento também é experienciada:

Eu sou criança, jovem (risos), não sou essa senhora de 64 anos, eu me sinto muito jovem, brinco pelo chão. Você fica jovem, você é velha e se torna uma jovem, porque você se dedica muito e aquilo ali é um remédio, eu digo pra todo mundo que é uma vitamina que todo mundo poderia ter, é muito gostoso (ANA, 2019).

Ribeiro e Zucolotto (2015) verificaram que a convivência com a criança renova a vida dos avós, além de ser um estímulo para a estruturação de objetivos para viver. De um lado, identificamos a percepção de que a criança estabelece relações diferentes com os avós e pais, caracterizando a existência de peculiaridades próprias às relações, o que vai refletir em comportamentos específicos da criança. Por outro lado, quando se tem mais de um neto(a), a relação também é sentida de modo diferente com cada um deles; embora, ressaltem que o amor é igual.

Quando ela está com a mãe ela é uma coisa, coisa de criança mesmo, ela já tem outras condições e quando tá comigo ela obedece mais (ELZA, 2019).

Eu tenho mais contato com o menino porque ele foi o primeiro a chegar, foi uma criança que no começo foi criada com a gente, ele ficou na minha casa com a mãe dele, passou uns 2 anos, depois ele saiu, então eu acho que eu me apeguei mais a ele, e a menina eu fiquei na casa dela, quase 2 meses, fiquei com ela quando ela nasceu, mas não ficou na minha casa, já é diferente, porque na sua casa preenche mais eu acho, mas o amor é igual, igual, igual, não tem diferença, amo todo os dois (PEDRO, 2019).

A condição de ser avô(ó) é marcada por um novo sentido de vida com gratidão pelo novo papel, ao mesmo tempo em que é possível reviver a autorrealização experienciada durante a paternidade/maternidade.

Toda a gratidão da minha vida eu entrego a eles, devo a eles, tudo que eu tenho hoje e tudo o que eu sinto hoje é por eles, pelos meus netos (ANA, 2019).

Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010) verificaram que os netos redirecionam o sentido de vida dos avós e, desse modo, é possível encontrar situações em que os netos auxiliam os avós na melhoria do estilo de vida. Do mesmo modo, Silva *et. al.* (2020) consideram importante que a infância seja um tempo de conscientização sobre o envelhecimento, o que vem a caracterizar a relação como espaço de constituição de sentidos.

Núcleo 2 - A experiência de ser avô(ó): autopercepção e autoenfrentamento

Becker e Falcão (2016) verificaram que os avós têm a chance de atuarem melhor na relação com os netos do que com os filhos, procurando exercer uma influência positiva,

além de buscarem rever erros do passado. Nas narrativas, fizeram uma reavaliação da própria paternidade/maternidade e identificaram atitudes que tiveram com os filhos(as) e que são geradoras de culpa, assumindo, em alguns momentos, atitudes reparadoras na relação com os netos(as).

Às vezes eu prefiro que ele coma tudo eu dando na boca, do que ele mexer pra lá e pra cá e não comer, eu não forço ele comer, como eu fiz muito com a mãe dele, que isso me traz sofrimento porque ela não comia, só queria viver de biscoito, então eu forcei ela a comer e eu não quero fazer isso com meu neto. Eu fico chaleirando, aí quer dizer, às vezes, uma coisa que você está querendo corrigir em você prejudica o relacionamento com ele, mesmo eu tendo consciência, eu não consigo ser essa mãe dura, de fazer as coisas acontecerem. Eu fico lembrando as coisas dos meninos, até dos erros, que hoje eu colho coisas de mimar demais, principalmente em relação ao tio da criança e eu vejo com o neto, isso me faz refletir. Então ele está fazendo isso, a convivência com ele, muitas coisas que eu vejo hoje que eu poderia ter sido uma mãe melhor, eu estou vendo por causa do neto (JOANA, 2019).

Lima e Rocha Junior (2014), em estudo sobre o processo de reparação na psicodinâmica dos avós quando assumem a parentalidade de seus netos, verificaram após análise de alguns autores, que esse processo ocorre na avosidade em suas expressões gerais, e não apenas no contexto de parentalidade.

A reavaliação também acontece no aqui-e-agora da relação com o neto(a). Alguns avós falam de atitudes que consideram que precisa melhorar sobre sua postura com o(a) neto(a) e isso se dá por meio de uma auto cobrança, revelando que nem sempre conseguem fazer diferente de como fizeram com os filhos. A cobrança pode vir dos próprios filhos.

Eu teria que melhorar as responsabilidades com ele, eu não consigo ser firme, ser dura, por exemplo, uma dificuldade que eu tive com o tio dele e continuei com meu neto, é que ele tem problema para guardar os brinquedos, então eu acabo indo ajudar e fazendo mais do que ele, ou tem dias que ele nem pega nenhum e eu vou entendeu? Eu sou um pouco frouxa nas rédeas com ele. A mãe dele sabe e ela conversa muito sobre ele comigo, ela diz: 'Mainha, isso assim, assim, assim...' Vem um pouco de cobrança da parte deles também, por exemplo, a gente às vezes tá na mesa aí ela faz: "É incrível como esse menino fica aqui", porque às vezes ele quer comer ainda e quer que a gente dê na boca e é só aqui em casa que ele faz isso, entendeu? (JOANA, 2019).

Ademais, notamos um sentimento de insegurança, seja pelo medo de não conseguir desempenhar o papel de avô(ó) devido à distância temporal entre a experiência com o(a) filho(a), seja em relação a atividades cotidianas, como, administrar remédios, banho, etc. Mainetti e Wanderbroocke (2013) ponderam que, mesmo os avós que são

cuidadores dos seus neto(a)s, que moram com eles ou têm a guarda, sentem essa mesma preocupação quanto aos cuidados e quanto ao futuro do(a)s neto(a)s.

Eu tive muito medo quando minha filha engravidou pela questão do novo, de acontecer alguma coisa e eu ter a responsabilidade de ficar com a neta em si e a minha filha mais nova a idade já era muito grande, aí eu pensei, meu Deus eu vou ter que voltar de novo aquela questão de doença, de como vou cuidar em relação ao tempo que já mudou muito em comparação a minha filha mais nova e a neta que veio. Eu tive um receio quando descobri que ia ter uma neta, não foi um medo, mas, um receio porque eu fiz, meu Deus, as coisas mudaram tanto, será que o banho é o mesmo quando é recém-nascido, os remédios são outros, os médicos pensam diferente, mas eu disse: 'Não, eu vou agir normalmente, pela minha intuição de vó mesmo (ELZA, 2019).

Em contrapartida alguns dos avós têm a percepção de que o acúmulo de experiências facilita os processos relacionais porque se consideram com maturidade para lidar com as situações do cotidiano. Alguns trechos demonstram essa ideia:

Coisas que a gente aprende com a idade, é aquela história, a maior escola é a idade e o maior professor é o tempo, então eu me sinto mais maduro (JOSUÉ, 2019).

Então hoje com essa idade eu fico olhando com outros olhos e vendo, revivendo na verdade (JOANA, 2019).

Esse acúmulo de experiência tanto pode estar se referindo à vivência da própria paternidade/maternidade, quanto no âmbito profissional, possibilitando maior segurança.

Eu trabalho há 44 anos com crianças, depois de 2012 pra cá foi que a idade mudou um pouco, até 2012 eu trabalhei só com crianças até 8 anos de idade, foi na prefeitura, aí eu me aposentei e hoje eu trabalho com pessoas de ensino fundamental II e médio então eu não notei muita diferença não com a chegada dela, já que eu já carregava essa bagagem, inclusive foi até bom, eu até me sentir mais seguro (JOSUÉ, 2019).

Núcleo 3 - O lugar do neto(a) na vivência psicológica dos avós

Como afirmam Kipper e Lopes (2006), quando nasce um(a) neto(a), os avós vivenciam uma nova fase, um novo modo de olhar a vida, surgem novos papéis na vivência familiar e modificações nas relações, bem como na própria estrutura psíquica dos avós. Pinto, Arrais & Brasil (2014) alertam que, apesar dos avós serem vistos como suporte em muitos aspectos para a família, não se pode esquecer de que eles também têm histórias inacabadas, com sentimentos dúbios e mal elaborados em suas relações, como qualquer outro ser humano.

Algumas narrativas apontaram que o neto(a) cumpre o papel de dar suporte emocional aos avós. Nesse caso, o(a) neto(a) é percebido(a) como alguém que ocupa o vazio existencial que o avô(ó) possa estar vivenciando em sua vida e que, muitas vezes, espera um acolhimento dos filhos ou até mesmo do marido/esposa e que não encontra. Kipper e Lopes (2006) afirmam que os filhos passam a viver papéis sociais, como o profissional, e começa a existir um certo distanciamento da relação pai-filho e que, com a chegada do(a) neto(a), esse sentimento de abandono e solidão é amenizado. Nessa direção, percebemos que o(a) neto(a) é colocado(a) em um lugar de “salvador” dos avós em situações difíceis em sua vida:

Quando o neto chega, o ambiente muda porque a criança é inocente, faz perguntas e toma atitudes que tira você de uma preocupação, tira você de um ambiente pesado, às vezes você nem está bem, mas, a criança olha para você e diz que lhe ama, você tá doida pra ouvir do seu marido, do seu filho adulto e não escuta, e a criança tem uma naturalidade e uma espontaneidade de demonstrar amor e carinho que é uma coisa absurda (CÁSSIA, 2019).

Nesse sentido, os avós relatam a falta da companhia do neto(a) tão logo chega o fim do dia e os pais vêm buscar o(a) filho(a) para dormir em casa, além da sensação evidente de que não pode mais viver sem o(a) neto(a).

Minha neta é a minha vida, eu costumo dizer: “vida de vovó”, porque ela é minha vida mesmo, o pessoal diz que amor de vó é amor de mãe dobrado, o meu amor por ela é triplicado, é impressionante, eu não sei nem viver mais sem a menina, passa um dia sem se ver, eu já digo: “Aí meu Deus, estou morrendo de saudades (CÁSSIA, 2019).

Com isso, notamos que existe um apego à fase infantil do(a)s neto(a)s, com o desejo de que o tempo passe devagar:

Um dia desses eu estava dizendo, ao meu marido: “A gente tem que aproveitar nosso neto, porque ele hoje quer morar aqui, quer ficar aqui, quer dormir, ele geralmente sai daqui com cara de abuso, porque ele quer ficar aqui”, e eu digo: “E a gente não tem que se iludir de que isso é pra sempre, isso é passageiro e muito rápido, então vamos aproveitar o máximo porque a gente já está vendo pelo andar da carruagem, que não vamos ter muitos netos e vamos aproveitar pra depois a gente não ficar com aquele sentimento de que não aproveitou”, então a gente literalmente está aproveitando (JOANA, 2019).

Núcleo 4 - A relação avô(ó)/neto(a): o despertar de sentidos

Para Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010), a relação avós/neto(a)s permite trocas de experiências na (re)construção de sentidos, o que ficou evidente no presente estudo.

Foi possível observar que os avós aprendem com seus netos, descobrindo novas formas de ver a vida:

Eles é que estão me ensinando, tem coisas que eu nem sabia, nem do meu passado, pela pouca idade deles e eles estão me ensinando, por exemplo, o menino com 5 anos agora me dando aula de corpo humano, coisa que eu não sabia, não tinha essa experiência, “Porque vovó a artéria...”, me diz do porque a gente espirra, joga fora aqueles micróbios, eu fiquei abismada e a menina do mesmo jeito, dando lições mesmo (ANA, 2019).

Você aprende muito com a criança, porque ela não tem isso de ficar amuada, é muito rápido os sentimentos, às vezes eu fico firme pra ele ter que fazer uma coisa e traz sofrimento pra mim, mas, é tão rápido que eu digo: “Meu Deus, era pra eu me impor muito mais”, porque você tá no comando realmente, ele muda muito rápido, daí a pouco ele vem: “Vovó, você é feia, eu não amo você, você é a vó mais feia do mundo”, Aí eu: “Tá certo, tudo bem, mas eu lhe amo”, eu vou lá pra pia lavar prato, não dá cinco minutos, aquela pessoa se agarra em mim, “vovó, isso assim, assim, assim...”, falando uma coisa que não tem nada a vê e é natural deles, porque é a inocência, é relevar, é perdoar (JOANA, 2019).

Estas narrativas corroboram com os achados de Braz e Aléssio (2018). Os autores, ao buscarem compreender o sentido de vida de idosas longevas, verificaram que as experiências emocionais consideradas mais significativas, portanto, importantes na constituição de sentido de vida, estão voltadas para o convívio com pessoas mais próximas, como, a relação com o(a)s neto(a)s.

Verificamos que o contato com o(a) neto(a) pode despertar o encontro da criança interior do adulto; lembranças que são afloradas de tempo passados:

Além de ter a companhia, de ter a atenção, de ter aquele momento de interação ali, ele fica trazendo coisas na sua mente que você sozinha, isso nunca ia aflorar na minha mente, ele pergunta: “Vovó você brincava de que? Você tinha barbie? Você tinha celular quando você era criança? Você gostava do bob esponja?” Então, eu vou respondendo isso a ele e ao mesmo tempo vem aflorando a memória da minha infância (JOANA, 2019).

Porque os meninos pegam telefone, pega tudo, o iPad, mexe em tudinho e eu não sabia nem o que era aquilo naquele tempo. Sabia nem que existia aquilo, então tem essa diferença de como a gente criava os meninos da gente, criava fazendo os brinquedos pra eles, hoje os pais não faz mais brinquedos pra os filhos, quando a gente era moleque a gente era que fazia os da gente, meus pai faziam, as avós da gente fazia, eu lembro que eu ia pra casa do meu avô, ele morava em Campina, a gente menino pedia pra ele fazer brinquedo, hoje essa fase passou, os brinquedos dos meninos hoje é televisor, a geração muda muito (PEDRO, 2019).

Núcleo 5 - O cotidiano de ser avô(ó): vivências práticas e emocionais

Cada vez mais, os avós têm assumido a maior parte da rotina do(a)s neto(a)s, bem como sua educação, uma vez que os pais estão trabalhando regularmente e os avós passam

a contribuir como fonte de recursos afetivos, instrumentais e financeiros, como bem pontua Camarano et al. (2004). Contudo, o que observamos, é que esse cenário pode ocasionar modificações nas relações familiares. Deparamo-nos com avós que reconhecem a presença do neto(a) como majoritária, tendo uma dedicação quase que exclusiva a ele(a) e deixando, muitas vezes, de perceber a presença de outros membros da família, como, os filhos.

Eu tenho que me policiar, porque quando ele chega que eu abro a porta, ele quer atenção total e eu tenho tudo pra dar a ele então, às vezes eu digo: “Ai meu Deus não falei nem com [Mãe da criança]”, aí volto atrás, dou um xero nela, falo com ela, mas realmente ele foi muito forte na vida da gente (JOANA, 2019).

Embora a gente não sinta e não perceba, mas, parece que a gente dá mais atenção aos netos, isso é meus filhos que dizem, minha filha mesmo disse: “Painho quando chegava aqui a primeira pessoa que ele falava quando entrava na minha casa era comigo, agora a primeira pessoa é falar com o neto”, meu filho a mesma coisa, “Parece que não tem mais ninguém dentro dessa casa, só tem a menina” (risos), mas não é porque você quer, é instintivo, você chega vai primeiro dar um abraço na menina, na neta, que ela corre, chaleira, depois é que a gente fala com eles, mas não é que você perde o amor por eles não, é porque é uma coisa normal, é instintivo, acho que com todo mundo acontece isso (PEDRO, 2019).

Ramos (2012) observou que a ajuda dada pela geração mais velha às famílias tem sido tão importante, que muitas vezes os limites domiciliares entre avós e netos se confundem. Vimos que os avós se dedicam a um cuidado diário com o(a)s neto(a)s, acompanhando-o(a)s em suas atividades sejam escolares, pessoais ou de lazer, além de se preocuparem com o futuro dele(a)s, na tentativa de garantir os ensinamentos que são transmitidos.

As responsabilidades que eu tenho com ele é justamente isso aí que eu falei de valores, eu acho que a responsabilidade é essa, a gente passa valores morais, religiosos também, tem que ir preparando, lógico que ele vai ser o que ele quiser ser, mas com os valores que a gente passa pra eles (RICARDO, 2019).

Eu tento realmente ver os princípios, como é que ela está em relação aos estudos, a igreja, se ela está indo a igreja, comportamento, o interesse dela quais são, me preocupo realmente com o que ela venha a ser no futuro (ELZA, 2019).

Mesmo diante dos aspectos positivos que envolve a relação intergeracional, o dia a dia dos avós é carregado de preocupação com a integridade física da criança, pois todos os cuidados práticos e o lidar com o temperamento do(a)s neto(a)s são sentidos, em alguns momentos, de modo estressante:

Dá trabalho, às vezes eu me estresso com ele, ele tem uma personalidade forte e ele só quer o que ele quer, ele está numa fase bem difícil (JOANA, 2019).

Muitas vezes, os avós se dedicam quase que exclusivamente aos/às neto(a)s, contudo, seus desejos também estão presentes na relação, mesmo que frustrados:

Eu tento contar história para ele, mas, ele ainda não está na fase de ouvir histórias, eu queria ler para ele, mas, eu começo e ele fica disperso, eu gostaria que ele começasse a aceitar, mas, tudo tem uma fase (RICARDO, 2019).

Como toda relação, as existentes entre avós e netos são vivenciadas de forma ora estressante, ora prazerosa. Nesse caso, observamos um sentimento de admiração pelos netos, especialmente na satisfação em acompanhar o desenvolvimento e os processos de aprendizagem deles.

Ele sabe falar muito bem, palavras até no vocabulário alto, isso a gente se impressiona, que ele fala e entende as coisas bem, já é uma característica dele. Você fala uma palavra e ele já aprende, mesmo que ele não saiba o que é, mas, ele já usa corretamente e no momento certo, às vezes, ele pergunta o que é e fica até difícil a gente dizer, como se fosse um dicionário, a gente tem que dá umas dicas, umas informações que ele entenda (RICARDO, 2019).

É incrível, eu digo: 'Meu Deus eu não lembro dos meus meninos ter sido tão inteligente', e eu acho que é pelo fato dessa geração dele ter muita informação, ter muita coisa, Tu notou logo assim que chegou, que ele fala como adulto, mas, a gente tem o maior cuidado de não roubar a infância dele, ele é diferente, as perguntas dele, as coisas dele é muito acelerado, até me traz preocupação, porque tem hora que eu digo: 'Meu Deus esse menino pulou etapa' (risos) (JOANA, 2019).

Eu gosto de deixar ela bem à vontade, mexer, ficar vendo ela, soltar ela assim num cantinho e vê ela querendo aprender, fazendo alguma coisa de novo, é como se fosse os primeiros passos, coloco ela na cama aí ela fica tentando virar e eu fico só observando, as crianças de hoje em dia estão muito mudadas, essa menina com 3, 4 meses a gente colocava ela emborcada e ela já virava, é interessante demais como hoje em dia, os nossos netos são diferentes dos nossos filhos, são muito mais inteligentes, não sei porque, mas, são (PAULO, 2019).

Em meio à vivência da admiração, observamos a existência de dois modos de experienciar o amor: um amor sufocante e um amor com limites. O primeiro é caracterizado por um cuidado exacerbado com o(a) neto(a), como mostra o recorte a seguir:

E eu me empolgo muito, às vezes levo até reclamações deles porque deixar eles muito assim, sem ter liberdade, prendendo muito, pra não cair, pra não subir, uma coisa que até sufoca, amor sufocante (ANA, 2019).

Já o amor com limites foi aqui representado pelo processo disciplinar, ocasionando, na perspectiva do avô, segurança na criança. Segundo Paula et. al. (2011), o limite no processo de educar é importante, incluindo, algumas vezes, negar algo aos filhos.

Eu tenho um amor muito grande por ela, sinto saudade, mas, eu me cobro nesse amor, eu não me deixo por causa desse amor quebrar o respeito, aquela doutrina que ela tem que seguir, de respeitar, de saber chegar, de saber sair, como comer, como se vestir, tomar banho (JOSUÉ, 2019).

Núcleo 6 - Papel social da avosidade: limites e realizações no ato de educar

Ficou explícita nas narrativas a necessidade de delimitação de papéis entre avós e pais na relação com as crianças no processo de educar. A função dos avós é educar ou apenas se divertir e brincar com as crianças com ausência de maior responsabilidade no processo educativo?

Porque eu digo a mãe dele que eu não tenho a obrigação de educar, eu não posso atrapalhar o que eles vêm ensinando a ele, eu quero cooperar (JOANA, 2019).

Ser pai é você ter uma responsabilidade maior, na criação, na educação, responsabilidade financeira e ser avô eu acho muito light, é só a parte da brincadeira, na hora da doença aí você deve dá pra os pais tomar conta, é um sentimento daquele negócio bem irresponsável de você tomar conta de uma criança, eu acho legal, eu estou curtindo muito essa parte de ser avô (PEDRO, 2019).

Dizem que os pais educam e os avós deseducam, eu acho que tem um fundo de razão esse negócio também, os pais dizem que tem que sentar direitinho, comer na mesa e avô diz que pode comer de todo jeito mesmo (risos), é meio desmantelada a educação do avô. Ter responsabilidade a gente tem, não vai deixar de ter, mas, não diretamente, porque quem educa os netos são os pais deles, algumas coisas a gente percebe, mas não falamos com os netos, a gente fala com os pais, pra não passar por cima da ordem dos pais, a gente conversa com eles, 90% das vezes eles acham que tem razão, mas, a gente conversa quando a gente acha necessário (PEDRO, 2019).

Ser avô, por essa não responsabilidade entre parênteses, porque você tem de todo jeito, mas, não tem que acordar, dá comida, ela adoeceu a gente corre, vai lá, remédio, se não tiver, a gente tem e assim é ser avô, é mais curtir, quando ela chega aqui é uma festa (PAULO, 2019).

Quando os avós são cuidadores dos netos, Ribeiro e Zucolotto (2015) verificaram confusão de papéis, pois estão inteiramente envolvidos com o cuidar e a educação dos netos, não sendo unicamente avós. Verificamos que, de um lado, os avós acreditam na educação que deram aos filhos, o que parece garantir para eles, até certo ponto, o processo

educativo do(a)s neto(a)s. Há uma confiança de que a educação perpetuará às gerações, uma vez iniciada na infância dos pais:

O que tinha que dá a gente já deu a mãe, para que ela passasse para os filhos, então não tem muito com o que se preocupar (PAULO, 2019).

Quando você educa seus filhos direitinho aí é muito difícil eles não educarem os netos direito, graças a Deus que com os meus eu não tenho problemas com nenhum deles (PEDRO, 2019).

Por outro lado, os avós tendem a criticar seus filhos quando avaliam que não estão sabendo educar e tentam mostrar a melhor forma de fazer isso, buscando interferir nesse processo, denotando certa ambiguidade diante da educação das crianças: deixar os pais educarem ou não confiarem nesse processo? Esse aspecto contrapõe o que alguns teóricos apontam sobre o orgulho ao ver os filhos assumindo o papel parental quando julgam que estão fazendo um bom trabalho (ARATANGY; POSTERNNAK, 2005).

A meu ver ele não tem um perfil de pai, não é nem de marido, mas de pai, eu acho que ele se considera um menino ainda, ele é muito ameninado, fica na televisão jogando videogame e se deixar ele passa o dia todo, é um cara que ele não tem muito... aí com relação a isso aí a gente se dá bem, fala e tudo, ele vem na minha casa, mas a gente não tem essa afinidade, nem teve anteriormente. O que eu percebi é que minha filha apadrinha demais, a meu ver uma dedicação tão grande que estraga, tem que ter os limites (JOSUÈ, 2019).

Verificamos que, quando a convivência é mais longa, o papel de avô(ó) se mistura com as atribuições dos pais, ocasionando ambiguidade no processo educativo. Nesse caso, podem ser gerados conflitos entre avós e pais da criança, já que existe uma divergência entre eles, além de que os avós, por passarem muito tempo com o(a)s neto(a)s, entendem que, de algum modo, ocupam essa função de educar. Para Villas-Boas (2013), a presença de conflitos resulta dos diferentes modos de educar, de pensar e de valores pessoais.

Tem uns problemas, que os filhos às vezes, não aceita como a gente está educando, porque eles é que são responsáveis para educar. Mas como ele passa um tempo aqui porque eles têm que trabalhar, aí a gente segue também os nossos valores, que às vezes eles não gostam (RICARDO, 2019).

Eu acho que no meu papel não cabe isso, só que não cabia também a responsabilidade de estar com ele todos os dias, está batendo um conflito um pouco aí (JOANA, 2019).

O que percebemos é que do ponto de vista dos avós, ocorre uma necessidade racional de delimitar as responsabilidades entre eles e pais no trato com a criança, no entanto, na vivência diária, tem-se o desejo de interferir no processo educativo.

A gente tem até que se policiar para não querer ser dono, na verdade, porque tem hora que você quer interferir até nos castigos, nas coisas, nas regras mais rígidas que ele precisa (JOANA, 2019).

Às vezes minha esposa quer mandar, aí eu digo que não, a criação é deles, puxar pra o lado da gente quando tiver aqui com a gente, lá é deles, porque quer se meter demais, quer dizer o que fazer, o que não fazer (PAULO, 2019).

Mesmo diante dessa ambivalência de papéis, alguns avós assumem a responsabilidade de transmitir ensinamentos, valores e experiências aos/às neto(a)s, reforçando, algumas vezes, que a responsabilidade é maior na fase da avosidade, exatamente porque a relação com o(a) neto(a) é sempre mediada pelos pais, como diz uma das avós:

É uma responsabilidade maior porque eu não tinha que dá a educação que a mãe deve dá, mas, eu acabava me metendo, aí eu dizia pra minha filha pra ela fazer diferente, mas, ela dizia: “Ah mainha, os tempos são outros” aí eu disse: “Não, os tempos são outros, mas a educação é a mesma”. Aí eu disse: vou deixar ela ver como é que funciona (ELZA, 2019).

Algumas narrativas revelaram que, quando a convivência se dá na casa dos avós, o processo de educação acontece nos limites dos avós sem a interferência dos pais, uma vez que as regras da casa devem ser cumpridas enquanto a criança estiver lá.

Geralmente dizem que os avós é que relaxa, diz até que, por exemplo, casa de avô é chiqueiro de neto, que o neto faz o que quer, mas aqui ela faz o que ele quer dentro dos limites, eu não deixo ultrapassar nada que não seja com limites de aprendizagem, coisas que ela vai aprender que é bom pra ela (JOSUÉ, 2019).

Núcleo 7 - O lugar do neto(a) na vivência familiar: encontros e desencontros

Verificamos que o(a) neto(a) promove influências diretas na vivência familiar e sua existência é capaz de modificar as relações. Alguns avós mostraram um afeto especial pelo neto(a) com uma maior expressividade em comparação ao filho(a), podendo gerar ciúmes nos demais membros da família:

É quase como se fosse um filho, agora, às vezes a gente pensa que ama mais que um filho (risos) (RICARDO, 2019).

Quando aparece um neto é aquela alegria, é aquela felicidade que eu acho que é até maior do que ter filhos, de ser pai. Devido ao tempo que a gente fica sem aquele contato com bebê e quando chega um é extraordinário, passou aqui hoje aí amanhã está de volta, sai de casa você já sente saudade, ser avô eu acho que é melhor do que ser pai (PAULO, 2019).

Eu já notei uma pontinha de ciúmes da mãe dele, também já notei com o tio dele, mas, é porque uma criança ela quer atenção total e meu neto tem a mim (JOANA, 2019).

Algumas narrativas tratam da reconfiguração das relações familiares com a chegada do(a) neto(a), demarcando novas formas de relacionamento. Contudo, não se trata de uma regra geral.

O que ela trouxe foi união, a gente se uniu mais ainda, estávamos um pouco afastados e eu sentia falta, mas, não cobrava porque eu não sou de cobrar, não falava. Foi união, nos uniu mais ainda, a gente sempre foi família, mas estávamos afastados, se éramos unha e cutícula, agora somos tudo, unha, cutícula, dedo, mão, tudo, nós somos uma família muito unida, glória a Deus (CÁSSIA, 2019).

A gente tinha brigado, eu e minha filha, então eu fiquei meio assim, mas, a neta veio realmente pra unir a gente mais ainda. Desde o momento que ela nasceu, foi outra coisa, a família mudou muito, a vinda dessa neta uniu demais os irmãos, família (ELZA, 2019).

Eu acho que não mudou nada a relação minha com meus filhos depois da chegada da neta (JOSUÉ, 2019).

Percebemos, em algumas narrativas, que o(a) neto(a) afetou diretamente a união entre os avós:

Até o relacionamento com o marido, porque é como se ele ficasse com um pouquinho de ciúmes, aí acaba se achegando mais (ANA, 2019).

Ter uma criança de novo parece que a gente volta a ser pai novamente, eu digo até que o relacionamento dos avós melhora, até nisso, porque a gente se aproxima mais devido ao bebê, é muito interessante, uma experiência que eu estou vivendo agora. A gente se preocupa mais, conversa mais, tem mais tempo de falar alguma coisa, porque o dia a dia de um casal que tem 29 anos de casados é rotineiro, filhos, responsabilidade, cansaço de casa e aquela rotina e quando chega uma criança, como ela muda tudo! (PEDRO, 2019).

Núcleo 8 - O confronto de gerações: reflexões e possibilidades

Na vivência intergeracional, compreendemos, por meio das narrativas, que os avós perceberam diferenças evolutivas, como, questões de aprendizagem, diferenças de desenvolvimento entre neto(a)s e filho(a)s; etc. É o que observam Azambuja e Rabinovich (2017), quando destacam que as crianças dominam mais as novas tecnologias estimulando uma interação com os avós de mais reciprocidade em torno dos jogos e

computadores, momento em que estas gerações têm um espaço de brincadeira com modos simultâneos de domínio e poder. Ademais, como bem pontua Harwood et al (2005), a partir do convívio, os avós têm a oportunidade de se comportarem de modo diferente, quebrando regras de comportamento esperadas para sua idade, com novas motivações para a vida.

Eu amo assistir desenho com ela, porque ela sorri na inocência dela, e eu gosto porque o tempo que eu tinha com os meus filhos, que eu não criei, fui trabalhar cedo, então era só pra assistir e com ela é mais gostoso ainda porque eles eu só tinha mais responsabilidades e com ela não, eu me deito, converso, brinco, “vamos assistir vovó, quer qual, vamos cantar galinha pintadinha, a minei” (CÁSSIA, 2019).

Além da possibilidade de ter experiências com o(a)s neto(a)s que não puderam ter com o(a)s filho(a)s, os avós também têm a oportunidade de reviverem a experiência afetiva da paternidade/maternidade, pois desfrutam da sensação de fazer parte do processo de geração de uma nova vida:

Eu acho que é uma experiência maravilhosa de ser avô, a espera é tanto como um filho, quando você tem o primeiro filho, o segundo, a espera de ver nascer, você vê a sua filha, o neto desenvolvendo na barriga dela, lá, no ventre, você fica na mesma espera e quando nasce, só não tem aquela preocupação na hora de nascer, você não vai estar tão presente, não vai receber. Ver a primeira vez é maravilhoso, eu acho que é só coisa boa (RICARDO, 2019).

Percebemos que a sensação de presenciarem o nascimento do(a) neto(a) é expandida, pois vivenciam um sentimento de continuidade da vida, do ciclo geracional em que podem se ver em diversos níveis (genético, cognitivo, moral) no outro que está chegando, o qual dará prosseguimento aquela família. Nesse ponto, também se percebe a satisfação pela extensão do cuidado com a criança do mesmo modo que com o(a) filho(a).

Você está vendo continuar a sua vida, uma continuação de vida que você vai está ali presente geneticamente, moralmente, cognitivamente. A gente fica com uma proteção muito grande também, que a gente volta a ter como a gente tinha com os filhos, depois que eles saíram de casa, ou já estão adultos a gente ainda fica preocupados, parece que não cresceram, mas, com o neto é a mesma coisa, é os mesmos cuidados, o que está fazendo, e como eu disse vem sempre a saudade, o que será que ele está fazendo agora, tá na escola, como é que tá (RICARDO, 2019).

Por fim, a partir dos oito núcleos de sentido extraídos da compreensão das narrativas, pudemos compreender parte do fenômeno sobre avosidade, podendo vislumbrar os eixos centrais dessa experiência ao mesmo tempo em que suscita novos

questionamentos no imbricado contexto relacional, com a interlocução da figura do pai/mãe, no ponto mediano entre estas gerações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um tema socialmente importante, a presente pesquisa teve como objetivo compreender o sentido da vida dos avós com a chegada do(a)s neto(a)s a partir de um olhar fenomenológico sobre essa experiência. Foi possível identificar alguns pontos centrais dessa vivência, como, a alegria que esse papel desempenha na vida dos avós; o processo de autorreflexão que essa experiência proporciona ao indivíduo; que lugar tem o(a) neto(a) na vivência psicológica dos avós; os sentidos despertados nessa relação; como é a vivência diária dessa relação; qual o papel social da avosidade e em que limites esbarram, mas também que realizações são possíveis; que lugar o(a) neto(a) ocupa na esfera familiar; e, por fim, como se dá o confronto entre gerações.

Todos estes questionamentos puderam ser explorados a partir da própria fala dos participantes e evidenciaram que a fase da avosidade é carregada de pontos positivos, mas também de aspectos conflituosos, como, a indefinição do papel da educação em que os avós muitas vezes são desconsiderados nesse processo, embora sejam, na atualidade, as pessoas mais presentes na convivência diária das crianças.

Importa considerar que no contexto intergeracional existe uma gama de sentimentos, como, felicidade, prazer, satisfação, ao mesmo tempo, medo, receio, raiva, cuja vivência psicológica que podem ocasionar modificações no sentido de vida dos avós.

Consideramos limitação do estudo o fato de ter pouca literatura sobre o tema nessa perspectiva fenomenológica, ao mesmo tempo, que entendemos esse limite como um campo desafiador para a progressão de estudos que possam trazer à baila a importância dessa temática do nosso século XXI. Ademais, Sampaio, Pereira, Osório e Silva Neto (2021) apontam que as pesquisas sobre o papel da avosidade no presente século, diante das novas configurações intergeracionais, ainda são insuficientes.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, Campinas: Pontifícia Universidade Católica, v. 26, n. 1, p. 93-100. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>> Acesso em: 20 de mar. de 2019.

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**, v.27, n.2, p.259-268. 2010. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em: 04 de abr. de 2018.

ARATANGY, Lidia Rosemberg; POSTERNAK, Leonardo. Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo? **Artemeios**. São Paulo. 2005.

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta; RABINOVICH, Elaine Pedreira. O avô e a avó na visão dos netos. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 20, n.2, p. 311-332. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i2p311-332>> Acesso em: 06 de abr. de 2018.

BAKMAN, Gizele. Notas sobre ser avô no século XXI. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.70, n.2, p. 96 – 110. 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v70n2/08.pdf>> Acesso em: 17 de mai. de 2019.

BECKER, Ana Cláudia; FALCÃO, Deusivania Vieira da silva. O envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô(ó) na perspectiva de atores profissionais idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro v. 19 n.2. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000200289&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 17 de mai. de 2019.

BRAZ, Álef Pereira; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos. Fontes de sentido de vida para idosas longevas. **Revista Kairós – Gerontologia**. v. 21, n.1, p. 317-336. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p317-336>> Acesso em: 30 de jun. de 2019.

CAMARANO, Ana Amélia et al. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. **Estudos macroeconômicos do IPEA**, p. 137-167. 2004. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_12_Cap_05_rachura.pdf> Acesso em: 05 de abr. de 2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução Nº 510: normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Maio/2016.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de psicologia**, v.7, n.2, p. 371-378. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 08 de abr. de 2018.

HARWOOD, Jake. et al. Grandparent-grandchild contact and attitudes to ward old er adults: moderator and mediator effects. **Pers Soc Psychol Bull**, v.31, n.3, p. 393-406. 2005. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15657454/>> Acesso em: 05 de abr. De 2019.

KIPPER, Caroline Dal Ri; LOPES, Rita Sobreira. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psic.: Teor. e Pesq. [online]**. v.22, n.1, p.29-34. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000100004&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 08 de abr. de 2018.

LIMA, César Augusto Saouda; ROCHA JUNIOR, Armando. O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. **Revista Educação**, v.9, n.1, p. 61-83. 2014. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1622>> Acesso em: 17 de mai de 2019.

MAINETTI, Ana Carolina; WANDERBROOCKE, Ana Claudia Nunes de Souza. Avós que assumem a criação de netos. Pensando famílias. v.17 n.1, p. 87-98. Porto Alegre. 2013.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100009> Acesso em: 09 de abr. de 2018.

MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Ser mãe como um habitar possível: a experiência de mulheres que adotaram uma criança. In: DUTRA, Elza Maria do Socorro; MAUX, Ana Andréa Barbosa (org.). **Pesquisa em psicologia fenomenológica-existencial: interpretações do sofrimento na contemporaneidade**. Curitiba: Editora CRV, 2017. p.68 -82.

OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CÁRDENAS, Carmen Jansen de. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** v.13, n.3, p.461-474. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a12v13n3.pdf>> Acesso em: 27 de abr. de 2018.

PAULA, Flávia Viana de et al. Avós e netos no século XXI: Autoridade, afeto e medo, **Revista Rene**, 12, p. 913-921. 2011.

PINTO, Kelly Lins Beserra; ARRAIS, Alessandra da Rocha; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella Rodrigues. Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. **Psico-USF**, v.19, n.1, p. 37-47. Bragança Paulista. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v19n1/a05v19n1.pdf>> Acesso em 15 de mar. de 2021.

RAMOS, Anne Carolina. Morando com meus avós: as famílias conviventes na perspectiva das crianças. **Pedagogía y Saberes**. v.37. p. 119-131. 2012. Disponível em: <https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/26086/1/Ramos_Morando%20com%20meus%20av%c3%b3s.pdf> Acesso em: 03 de mar. de 2019.

RIBEIRO, *Andrea Nascente*; ZUCOLOTTO, *Marcele Pereira da Rosa*. Avós cuidadoras e seus netos: uma reflexão sobre as configurações familiares. **Disciplinarum Scientia**, v.16, n.1, p. 27-41. 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1838>> Acesso em: 16 de mar. de 2021.

SAMPAIO, *Miliana Augusta Pereira* et al. Avós do século XXI: uma revisão de literatura, **Brasilian Journal of Development**. v. 7, n.3, p. 24577-24589. 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26127>> Acesso em: 16 de mar. de 2021.

SCHIFFMAN, Leon G; KANUK, Leslie Lazar. **Comportamento do consumidor**. [S.I.] LTC ed., 2000.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução Nº 510: normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Maio/2016.

SILVA, *Cirlene Francisca Sales*; DIAS, *Cristina Maria de Souza Brito*; COSTA, *Erideise Gurgel da*; VILELA, *Daniely da Silva Dias*. Intergeracionalidade: reflexões sobre possibilidades que facilitem a convivência entre pessoas idosas e adultos jovens. **Brasilian Journal of Development**. v. 6, n.5, p. 27957-27970. 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/10113>> Acesso em: 16 de mar. de 2021.

SILVA, Raimara Lopes; MEDINA, Patrícia. Crianças pequenas e a pessoa idosa: contribuição intergeracional. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. v.10, n.22, p. 618-633, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/808/pdf>> Acesso em: 25 de abr. de 2019.

VILLAS-BOAS, Susana. A Voz dos Avós: Migração, Memória e Patrimônio Cultural. **Revista portuguesa de pedagogia**, v. 47, n.2, p. 107-113. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/273188779_A_voz_dos_avos_migracao_memoria_e_patrimonio_cultural> Acesso em: 20 de abr. de 2019.